os afetos

os afetos

rodrigo hasbún

Tradução de José Geraldo Couto

Copyright © Rodrigo Hasbún 2015

Proibida a venda desta edição em Portugal.

TÍTULO ORIGINAL
Los Afectos

PREPARAÇÃO
Elisa Menezes

REVISÃO
Taís Monteiro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Ilustrarte Design e Produção Editorial

FOTOGRAFIA DE CAPA
© National Geographic

CIP–BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H273a

Hasbún, Rodrigo
Os afetos / Rodrigo Hasbún ; tradução José Geraldo Couto. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.
128 p. ; 21 cm.

Tradução de: Los afectos
ISBN 978–85–8057–919–2

1. Ficção boliviana. I. Couto, José Geraldo. II. Título.

16–30228 CDD: 868.99343
CDU: 821.134.2(84)–3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451–041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206–7400
www.intrinseca.com.br

sumário

I
Paititi 11
Natal 27
Reinhard 33
A grande destruição 39
Monika e os outros 53
No jardim 65

II
Os mortos 73
Reinhard 81
Nossos amores 87
Dolorosa 93
Monika a sós 105
Cigarros 111

Ao longe 121

Embora inspirada em personagens e fatos históricos, esta é uma obra de ficção. Como tal, não é nem tenta ser um retrato fidedigno de nenhum membro da família Ertl, nem daqueles que aparecem junto a eles no romance.

I

paitití

No dia em que papai voltou de Nanga Parbat (com umas imagens que trituravam a alma, tanta beleza não era humana), enquanto jantávamos, disse-nos que o alpinismo havia se tornado demasiado técnico e que o importante estava se perdendo, que não escalaria mais. Depois de ouvi-lo mamãe sorriu como uma idiota, julgando que aquelas palavras continham algum tipo de promessa, mas ficou calada para não interromper. É a comunhão com a natureza que importa, prosseguiu ele, com a barba mais comprida do que nunca, tão escura como seus olhos um pouco desencontrados, a possibilidade de chegar aos lugares que foram abandonados até por Deus é o que importa. Não, por Deus não, corrigiu-se, no início de um daqueles monólogos que duravam horas logo que chegava, antes

que começassem a crescerem-lhe o silêncio e o desejo de empreender uma nova aventura, é na verdade nesses lugares que o encontramos, é neles que Deus descansa de nossa ingratidão e sordidez.

Monika e Trixi escutavam-no mergulhadas numa hipnose incipiente e mamãe não abria a boca. Éramos seu clã, aquelas que o esperavam, até então sempre em Munique, mas havia um ano e meio em La Paz. Partir, isso era o que papai sabia fazer melhor, partir mas também voltar, como um soldado da guerra permanente, até reunir forças para partir mais uma vez. Costumava acontecer depois de alguns meses de quietude. Desta vez, justo depois de reclamar do alpinismo, com a boca meio cheia, mencionou que logo se lançaria em busca de Paititi, uma antiga cidade inca que ficara enterrada no meio da Selva Amazônica. Permaneceu séculos sem ser vista, disse, e me deu pena olhar para mamãe, constatar quão pouco havia durado sua ilusão. Está cheia de tesouros, os incas os protegeram ali da cobiça dos conquistadores, acrescentou ele, mas isso era o que menos lhe interessava, seu único tesouro seria encontrar as ruínas da cidade. O certo é que, ao regressar de Nanga Parbat, havia feito uma escala decisiva em São Paulo e finalmente tinha o financiamento e os equipamentos. Não se deve esquecer quanto tempo Machu Picchu passou despercebida, disse ele, durante centenas de anos ninguém soube que estava onde está, até que o audaz Hiram Bingham a encontrou.

Papai sabia os nomes de mil exploradores, eu não. Faltava um ano para o colégio acabar e minhas preocupações eram outras, entre elas o que eu faria depois. La Paz não era ruim, mas era caótica e nunca deixaríamos de ser estranhos, gente vinda de outro mundo, um mundo envelhecido e frio. Ao menos já havíamos conseguido nos adaptar, depois de meses e meses lutando contra tudo, inclusive o bendito espanhol. Mamãe mal conseguia falar o idioma, mas minhas irmãs lidavam com ele cada vez melhor e eu me virava sem grandes dificuldades. Minha segunda opção era voltar para Munique. O que me dissuadia era o fato de que Monika também estava considerando a ideia, porque nesse caso talvez terminássemos morando juntas. Ela tinha dezoito anos recém-completados, acabara de se formar no colégio e estava mais confusa e irritada do que nunca. Com suas crises nervosas, tinha conseguido que tudo girasse ao seu redor ainda mais do que antes, e que Trixi e eu tivéssemos que nos resignar a ser personagens coadjuvantes, um pouco como mamãe em relação a papai. Era feio vê-la debatendo-se, não vou negar. Era impactante, horrível até, inclusive na última vez havíamos sido obrigadas a amarrá-la. Será que papai já sabia? Mamãe teria contado a ele em alguma carta? Ou havia contado mais cedo, assim que ficaram a sós no quarto, antes do jantar? Embora mamãe viesse implorando havia meses, Monika não dava importância ao assunto (não é nada, dizia, deixem-me em paz) e negava-se terminantemente a consultar um psiquiatra ou um clínico geral.

Em todo o caso, a desordem interior de minha irmã coincidiria, dez dias depois da chegada de papai, com esta outra: os arqueólogos brasileiros que ele esperava informaram que seria necessário adiar o início da expedição. Ele não entendeu os motivos, ou tomou-os como uma afronta pessoal, e uma desgraça se abateu então sobre nossa casa. Nos dias seguintes nós o ouvimos dar telefonemas intermináveis, fechar portas com toda a força, ameaçar e gritar. Nos intervalos, passava o tempo ruminando como uma fera enjaulada, como um homem que tinha perdido tudo. Eu e minhas irmãs estávamos de férias e não tínhamos como escapar do martírio. Por fim, numa tarde em que Monika e eu o ajudávamos no jardim, ele propôs a ela que o acompanhasse. Minha irmã não sabia se queria estudar nem o que estudaria se o fizesse, tampouco onde haveria de fazê-lo. No mais, tinha sido ela quem mais questionara a decisão de nos instalarmos na Bolívia; até no navio seus protestos não paravam nunca. Não podemos deixar nossas vidas assim, sem mais nem menos, dizia, antes de começar a espernear, isso não se faz. Começar do zero é uma oportunidade que poucos têm, dizia papai. Começar do zero não se pode, interrompia minha irmã, partir é coisa de covardes. Diante de palavras como essas ele permanecia calado e esse silêncio era como soltar-lhe as rédeas, pelo menos até que ele perdesse a paciência, e então mamãe dizia a Trixi e a mim que fôssemos passear pelo convés enquanto eles ficavam discutindo, às vezes

durante horas. Depois, no dia em que chegamos a La Paz, entendi melhor os temores da minha irmã. Nada era reconhecível (havia meninos mendigando pelas ruas, índios carregando volumes enormes nas costas, inúmeras casas construídas pela metade), e em geral tudo parecia precário e sujo. Dois meses depois, já acomodadas num bairro central e logo depois da partida de papai para Nanga Parbat, as crises nervosas de Monika tiveram início. Havia passado mais de um ano desde então. Agora, no jardim, para minha surpresa, ela aceitou de imediato a proposta que ele acabava de lhe fazer.

Era óbvio que papai tentava matar dois coelhos com uma só cajadada: contar com a ajuda dela para a expedição, que segundo soubemos na época ele havia decidido não adiar nem um segundo, mas também afastar Monika de seus demônios e de suas incertezas. Depois de ouvi-lo, incrédula, eu disse que ele deveria me levar também. Você ainda está no colégio, idiota, intrometeu-se minha irmã. Posso faltar alguns meses, respondi sem perder a calma, e em seguida voltei a dirigir-me a papai. Uma coisa dessas poderia ser importante na minha vida, disse eu, você sabe isso melhor do que ninguém. Como seria, para ele, voltar para casa depois de tanto tempo rodeado pela natureza inóspita, acompanhado unicamente por homens parecidos com ele? Teria ocorrido algo que não estávamos sabendo para que não quisesse escalar mais? E com essa história de Paititi, o que buscava de verdade? E eu? Faltar às au-

las, nada mais? Sentir-me única entre minhas amigas, que explodiriam de inveja quando soubessem? Não ficar para trás em relação a Monika? Como se tivesse previsto tudo, inclusive as perguntas que eu fazia a mim mesma, formou-se no rosto de papai um sorriso estranho enquanto concordava. Senti o peito gelar, encarei minha irmã, que me encarou de volta, e nenhuma de nós soube o que dizer. Suponho que sentimos medo ao perceber que o assunto era a sério.

É necessário estarmos preparados, disse ele pouco depois. Entre nós falávamos em alemão, nas poucas vezes que precisávamos fazê-lo em espanhol soava falso. Anoitecia, logo teríamos que voltar para dentro. Já tínhamos terminado de tirar o mato do jardim, só faltava dar um nó na boca do saco de juta e sair à rua para jogá-lo fora. Materialmente estamos mais do que prontos, disse ele, temos roupas à prova de insetos, aparelhos de radiotelegrafia, escadas portáteis de alumínio, estojos especiais para proteger o celuloide, uma câmera fantástica, temos tudo o que necessitaríamos para chegar ao fim do mundo. Pude comprar esse equipamento graças ao apoio de algum ministério boliviano e do instituto brasileiro, que aceitou que a expedição se fizesse sem seu pessoal. O futuro acontecerá aqui, eu o escutara dizer várias vezes nos últimos dias, a Europa perdeu a oportunidade, é a vez de países como este. No nosso já não gostavam dele e o desprezo era mútuo, ainda que a cinematografia alemã lhe devesse tanto.

Durante as Olimpíadas de Berlim, na famosa produção de Leni Riefenstahl, papai havia sido o primeiro cinegrafista a filmar debaixo d'água e a fazer tomadas aéreas incríveis, pioneiro em tantas coisas. Também se dedicara durante muitos anos a tirar fotos impressionantes da guerra. Todos sabiam disso, e nós mais do que ninguém, não foi à toa que tivemos de mudar de continente e de vida. Materialmente estamos preparados, insistiu ele no jardim, pondo sobre o ombro o saco de juta, mas logisticamente ainda não, nem física ou mentalmente, e espiritualmente menos ainda. Mamãe estaria sabendo? Já teriam discutido o assunto? Iríamos sem o consentimento dela? Não será fácil, disse ele, ninguém disse que será, nem para vocês nem para mim, mas encontraremos Paititi. Paititi nos espera há séculos, disse, chegaremos custe o que custar.

Três semanas depois o novo grupo estava formado e pronto para partir. Evidentemente, papai era o chefe da expedição. Não era arqueólogo, ninguém no grupo era, mas isso não importava, pelo menos por ora. Rudi Braun havia empreendido aventuras similares (acabara de voltar do Chaco), não parecia preso a nada e estava cansado de saber quem era papai, de modo que não foi difícil convencê-lo. Bastaram dois segundos para me apaixonar até a medula e para me sentir sortuda por estar ali. Entomologista de profissão, a senhorita Burgl estava havia meses ancorada na Bolívia, onde chegara a estudar algum tipo de inseto. Ela

ajudaria com o que fosse preciso, mas além disso se dedicaria a coletar amostras da fauna. Por último, Monika e eu nos encarregaríamos de um sem-número de tarefas, entre elas auxiliar papai na filmagem do documentário que ele se comprometera a fazer.

Viajamos numa Kombi até onde foi possível. Era lenta, talvez por estar muito carregada. No primeiro dia, passamos por Balca e Chacaltaya, parando de vez em quando para que papai filmasse ou tirasse fotos. Antes de partir, ele havia nos ensinado como ajudá-lo, e àquela altura já sabíamos armar um tripé num piscar de olhos, havíamos decorado as lentes, entendíamos em detalhes o funcionamento da câmera. Chegamos tarde da noite a Sorata e dormimos muito mal, apertados num quartinho alugado. Na madrugada seguinte havia vinte e cinco mulas nos esperando e carregamos cada uma delas com sacolas de exatos quarenta e seis quilos, papai nos dissera que com mais peso as mulas não avançavam. Chovia granizo e fazia um frio insuportável, dez vezes pior que o da cidade. Devíamos cruzar a Cordilheira Real a mais de cinco mil metros de altitude. Até respirar era difícil, imagine caminhar carregando uma mochila e com o rosto congelado.

Encontramos incontáveis oratórios no caminho. Eram umas pilhas de pedras lisas, dispostas de tal maneira que aguentavam as inclemências do tempo. Cada vez que passávamos por um, os tropeiros esparramavam folhas de coca à sua volta e murmuravam orações em aimará.

Um dos tropeiros me explicou que os oratórios eram para honrar Pachamama, a deusa terra, e para saudar os espíritos das montanhas. Era difícil entendê-lo, pois tinha um amontoado de coca mastigada na boca, costume que compartilhava com seus companheiros. Mascavam as folhinhas durante horas, o suco lhes dava forças. No topo, mulas descansadas nos esperavam. O capataz quis que papai lhe pagasse mais do que o combinado, alegando que seu pessoal não estava contente, e eles passaram uma hora negociando. Papai misturava idiomas quando estava nervoso e ficava ainda mais difícil compreendê-lo. Saíam-lhe palavras alemãs e bávaras, italianas, inglesas, todas juntas, formando um murmúrio impossível. Ofereci-me como intérprete, mas ele se negou a aceitar minha ajuda. Por fim fechou acordo cedendo três mil pesos.

Horas depois, apareceram uns sujeitos sinistros que se dirigiam a Tipuani em busca de ouro. Papai mudou de atitude, e Rudi, que estava à frente do grupo, passou a proteger sua retaguarda. Sua valentia me fez tremer de emoção, ou talvez eu tenha tremido por causa do vento que começou a soprar. Nenhuma mula podia ficar para trás. Para tentar ajudar, eu as contava a todo momento, embora a conta nunca passasse de treze ou catorze, sem deixar de me movimentar, o que não era aconselhável dadas as condições do caminho. De tempos em tempos os bandoleiros faziam perguntas, mas em geral guardavam um silêncio inquietante. Pus-me a imaginar o pior (que, em conluio

com os tropeiros, levariam nossos pertences, e acabaríamos esquartejados), mas depois de meia hora nos desejaram sorte e se afastaram. Escurecia quando chegamos a Yani. As pequenas casas de adobe pareciam amontoadas umas sobre as outras, eu nunca tinha visto algo assim. Era um povoado sombrio. As crianças caminhavam descalças nas ruelas de terra e algumas tinham o rosto coberto por ranho. Encaravam-nos como se fôssemos fantasmas e não respondiam a nossos cumprimentos. Era um mistério como não morriam de frio. Os problemas voltaram a surgir quando sumiram alguns tropeiros com suas mulas, tendo restado seis ou sete ao chegar. Papai se enfureceu, o capataz lhe explicou que tinham regressado a suas casas e que voltariam cedo no dia seguinte. Houve outra discussão e tiveram que mandar chamá-los. Pouco depois, as sacolas estavam no pátio cobertas por uma lona. Os aldeões rodeavam o lugar, certamente se perguntando quem éramos e o que fazíamos ali. Papai ficou desconfiado e ordenou que montássemos guarda. Monika foi a primeira a oferecer-se, bem armada com sua pistola de ar comprimido. A senhorita Burgl e eu preparamos o jantar, enquanto Rudi e papai desinfetavam o quarto onde dormiríamos. O teto era de capim santa-fé e as paredes, de adobe. Por dentro estavam cobertas de jornais velhos, alguns até dos anos quarenta.

No meio da noite Rudi me acordou com um carinho na cabeça. Que foi?, perguntei. É seu turno, disse. Ah, respon-

di, levantando-me de imediato, feliz por podermos conversar afinal. Ainda tem gente?, perguntei. Há dois cães que estão há horas farejando as sacolas, isso é tudo, disse ele. Acreditei que sorria, a escuridão não me deixava vê-lo. Sorri, mas suponho que tampouco ele me via. Descanse, falei. Sim, respondeu ele. Na manhã seguinte acordei a seu lado e aí sim ele viu meu sorriso quando lhe dei bom-dia. Estávamos sozinhos no quarto, do lado de fora já se ouviam os gritos de papai. Uma reportagem sobre a guerra chamou minha atenção. Eu recordava pouca coisa daquele tempo, perguntei a Rudi se ele se lembrava melhor. Estava amarrando as botas e respondeu que não podíamos nos demorar. Ao sair, voltou a acariciar minha cabeça, mas foi como se acariciasse um animal de estimação, não uma mulher. É possível que me considerasse jovem demais ou que temesse papai, que, aliás, naquele mesmo dia nos pediu que o chamássemos por seu nome. Hans, tínhamos de chamá-lo, como a um estranho, Hans e nada mais que Hans. Do lado de fora continuava escuro, o capataz e os tropeiros de novo pediam mais dinheiro. Seria assim todo dia agora? Julgavam-nos imbecis? Sejam homens e cumpram sua palavra de uma vez por todas, gritou Monika, furiosa. Fez-se um silêncio incômodo, de vários segundos, antes que todos soltassem uma gargalhada fraterna, inclusive papai, que, cheio de orgulho, lhe bagunçou os cabelos, enquanto ela começava a rir também. Com essa risada o assunto foi resolvido.

Retomamos a marcha. Parte do caminho tinha sido aberta havia séculos pelos incas. Era perturbador pensar nisso, era fascinante e triste. Era tudo isso também saber que estávamos perdidos nas entranhas de um país estranho, tão longe de casa. A expedição tinha apenas começado e podia ser fácil perder a perspectiva, esquecer que o que fazíamos dia após dia era parte de um plano maior, que todos os nossos esforços eram com a intenção de encontrar uma cidade perdida na selva. Paititi. Era preciso repetir como um mantra: Paititi, Paititi, Paititi. Estava tentando fazer isso quando me distraí com os murmúrios de Rudi e Monika. Nos dias em que minha irmã estava bem-disposta, eu invejava sua leveza, sua capacidade de fazer amizade com quem quer que fosse. Que aquele bom humor tivesse uma compensação tão terrível era algo difícil de entender. Era difícil de entender que a garota alegre e a garota desesperada fossem a mesma pessoa.

Ao entardecer acampamos em Tola-Pampa. Havia um riacho por perto. Os demais não quiseram nos acompanhar, a senhorita Burgl e eu fomos tomar banho sozinhas. Era a primeira vez que fazíamos isso desde que partimos, para mim ela ainda era uma estranha. Perguntou-me se meus pés doíam. Respondi que até estava bem, embora com certeza o corpo inteiro estivesse me matando. Perguntou se eu sentia falta da minha mãe. Respondi que sim. Perguntou como ela era. É melancólica, disse eu, uma resposta ridícula na verdade, mas não me ocorreu outra. Por pudor evitei

mencionar os escarros que ela havia começado a cuspir e que minhas irmãs e eu examinávamos como se fossem animais recém-nascidos. Temos companhia, disse a senhorita Burgl. Um dos porcos da família que nos acolhia estava parado a alguns metros, olhando para nós. Mais tarde, quando eu fazia minhas necessidades, ficou esperando que eu terminasse e veio refestelar-se logo que me afastei.

No dia seguinte bem cedo os ruídos de papai me despertaram. Tínhamos saído de La Paz três dias antes ou haviam sido dois? E quanto ainda faltava para chegar a Incapampa, onde estabeleceríamos nosso acampamento-base? Tínhamos tantas coisas a fazer que acabei nem perguntando. De resto, naqueles primeiros dias quase não tinha falado com ninguém, com minha irmã muito menos. O silêncio é fundamental, disse papai várias vezes desde que partimos, os exploradores são gente que sabe ouvir melhor que ninguém, gente que deve estar atenta ao que a cerca. Ouvir é tão ou mais importante do que ver, disse repetidas vezes. Agora, na madrugada, eu o ouvia fazendo alguma coisa fora da barraca. Pouco depois apareceu com uns pratos apetitosos de aveia e pedaços de fruta.

Às sete da manhã estávamos caminhando de novo, às onze uma névoa impenetrável nos cobriu. Papai gritou com força que nos concentrássemos em seguir quem ia imediatamente à frente. Dois tropeiros próximos de mim começaram a falar em aimará. Não entendi o que diziam, mas suas vozes eram agradáveis e me infundiram uma

estranha calma. Estamos iniciando a descida, gritou Rudi, cuidado para não escorregarem. Eu gostava de sua maneira de falar, firme e doce ao mesmo tempo, diferente da de papai, que era firme e nada mais. Já vestíamos nossos trajes verdes para a selva e começávamos a senti-la a cada passo, sobretudo pela umidade. Parecíamos paraquedistas extraviados. Parecíamos soldados em busca de uma guerra, seres interplanetários. De vez em quando a névoa se abria e podíamos ver as colinas que se estendiam para o leste cobertas de milhares de árvores indistinguíveis entre si. Papai aproveitava para filmar ou tirar fotos e éramos obrigados a deter a marcha e esperar ou a fingir que não víamos a câmera ou então a filmar a ele próprio, que também fingia não se dar conta enquanto fazia qualquer coisa. Lá embaixo, em alguma parte, estava Paititi. Seguia repetindo para mim mesma de tempos em tempos: Paititi, Paititi, Paititi. Rudi, eu dizia também, Rudi, meu amor, Rudi, minha vida. Eu tinha me esforçado em imaginá-lo solteiro, mas a lembrança de mamãe fez com que eu me desse conta de que talvez houvesse alguém esperando por ele. Não sei por que, apertei o passo até deixá-lo para trás. Nesse momento apareceu uma cobra. Rudi reagiu atirando-lhe pedras que a obrigaram a esconder-se na mata fechada e me pediu que voltasse à minha posição. Nem me atrevi a encará-lo nas horas que se seguiram.

Chegamos a Pararani no final da tarde e tudo era diferente do que vimos na noite anterior no alto da montanha.

A natureza era mais frondosa e havia musgo no chão, as casas eram feitas de troncos e folhas de palmeira, os moradores eram amáveis. Eu suava torrencialmente dentro do meu traje verde. Eu também, confessou Monika quando lhe contei. Juntas começamos a encher os colchões de borracha na choça onde dormiríamos. Se até então La Paz tinha me parecido pobre, aqueles povoados o eram dez vezes mais. Você está bem?, perguntei. Sim, respondeu ela, e você? Também, disse eu. Vai sobreviver?, perguntou. Não é tão difícil, respondi. Horas depois jantamos tortilhas e chucrute. Papai tinha conseguido doze mateiros que abririam caminho na selva a golpes de facão e estava de bom humor. Dizia que no dia seguinte chegaríamos a Incapampa o mais tardar às duas horas, que era um verdadeiro milagre não ter havido nenhum contratempo até então, que já podia ouvir no ar o rumor de Paititi. Que bom ouvido você tem, porque não ouço nada, disse a senhorita Burgl, e todos rimos.

À noite dei um jeito de ficar ao lado de Rudi. Dei-lhe um beijo na barba enquanto agradecia pelo que fizera à tarde com a cobra. Estávamos no princípio, isso era claro, mas não sabíamos de quê. Estávamos no princípio e a única alternativa era continuar. Do lado de fora ouvia-se o zumbido das mutucas e das hordas de mosquitos. Rudi se fez de desentendido. Não respondeu.